



# Sesc tv

EDIÇÃO N.109 / ABRIL DE 2016

CURTA KINOFORUM  
**PRODUÇÕES ABORDAM  
AS RELAÇÕES HUMANAS**

MUSICAL EKUNDAYO  
BRASILEIROS E AMERICANOS SE UNEM  
NA MISTURA DO JAZZ COM O HIP HOP

FALANDO EM DOWN  
FILMES RETRATAM O COTIDIANO DE  
PESSOAS COM A SÍNDROME

movimento  
**VIOLÃO** 

**Paul Gailbraith**

10/05 | 20h

Foto: Alice Vergueiro



Assista online: [sesctv.org.br/aovivo](https://sesctv.org.br/aovivo)



/SESCTV

### DESTAQUES

- 4 Narrativas da condição humana
- 6 Encontros sonoros
- 7 Falando em Down
- 7 Brasil e povos indígenas

### ENTREVISTA

- 8 Evaldo Mocarzel:  
O cinema como espaço das inquietações

### ARTIGO

- 12 “Cinema e Educação: um namoro difícil, mas possível”  
por Cláudia Mogadouro

### ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



### capa

Curta-metragem *Me+Her* (EUA, 2014). Direção: Joseph Oxford. Produção premiada no Festival Internacional de Curtas-metragens de São Paulo de 2015.

# Culturas conectadas

**Danilo Santos de Miranda**

Diretor Regional do Sesc São Paulo

A cultura tem a capacidade de aproximar o particular e o universal; o velho e o contemporâneo; o que está no plano real e o sonho, transitando, a partir de uma imersão pelo campo do simbólico, por questões que se configuram essenciais da própria condição humana. Dois curtas-metragens exibidos pelo SescTV neste mês trazem justamente essa universalidade, ao tratar de temas comuns às pessoas independentemente de seus costumes, histórias e experiências. São obras cujas narrativas retratam o sofrimento pela perda, o amor e a solidão. Os filmes foram vencedores do prêmio Aquisição SescTV, no Festival Internacional de Curtas-metragens de São Paulo 2015.

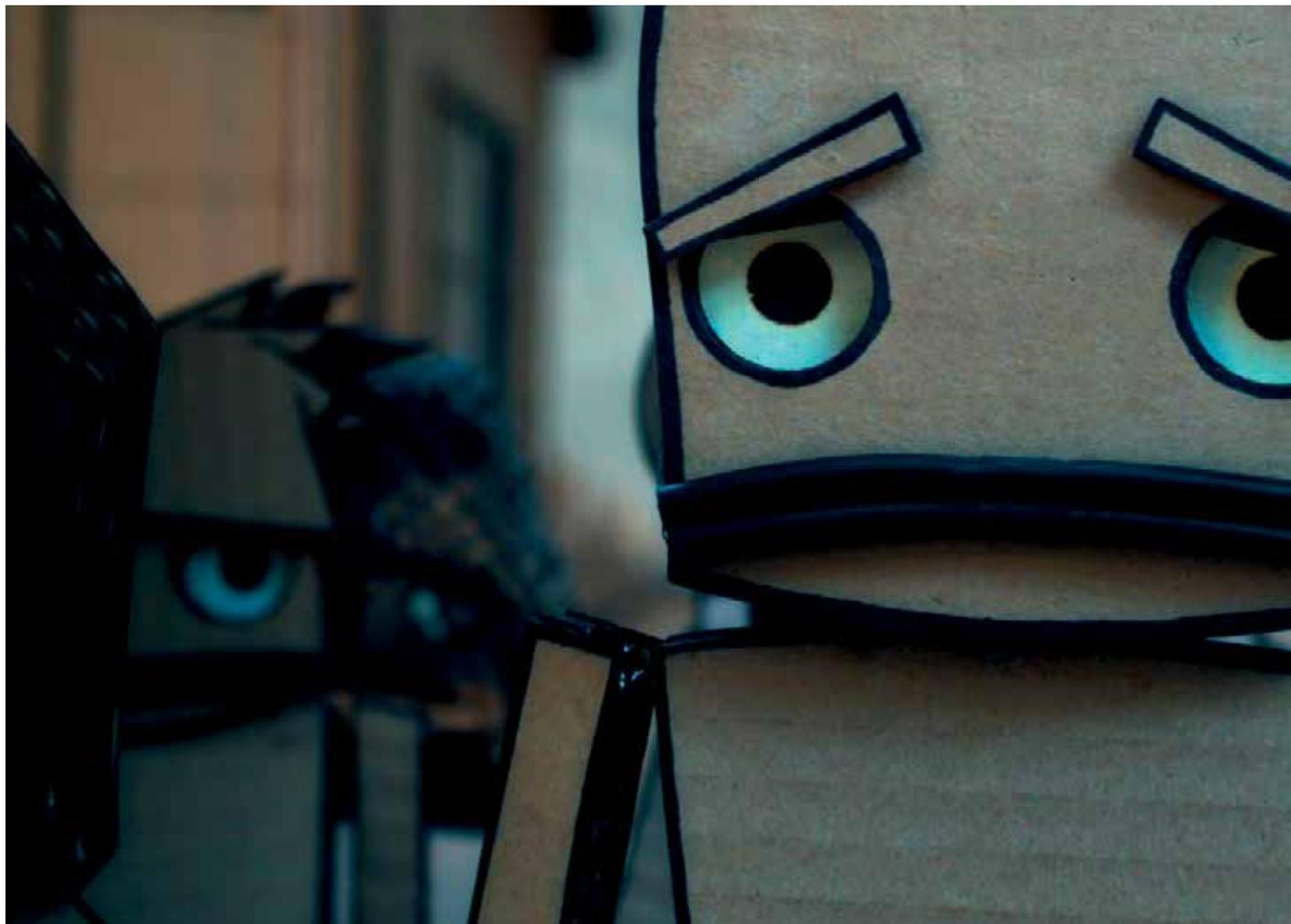
Em *Macapá*, de Marcos Ponts, o diretor expõe a crueza da realização cinematográfica, numa obra que mistura ficção e documentário. No filme, o diretor por trás das câmeras conduz a personagem, sua própria tia, para fazê-la chorar em cena, resgatando suas lembranças mais tristes. Já em *Me+Her*, o diretor norte-americano Joseph Oxford apresenta uma narrativa em animação feita em papel cartão, que envolve temas como o amor e a morte.

Na faixa musical, o canal exhibe *Ekundayo*, projeto experimental realizado por músicos brasileiros e norte-americanos, com referências no hip hop, no jazz e na sonoridade africana. Outro destaque é a programação especial Índios no Brasil, que traz documentários e a série *Índios em Movimento*, dirigida por Marco Altberg.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista o cineasta Evaldo Mocarzel, que fala sobre sua trajetória e sobre a realização do documentário *Do Luto à Luta*, no qual aborda o cotidiano de sua filha com Síndrome de Down. O artigo da professora de Ciências da Comunicação Cláudia Mogadouro discute a relação entre o cinema e a educação nas escolas. Boa leitura! ●

## Narrativas da condição humana

Ao tratar de temas como o amor, a dor da perda, a esperança e a capacidade de superação, o cinema adquire caráter universal, dialogando com diferentes públicos



*Me+her* (EUA, 2014). Direção: Joseph Oxford.

Atribui-se ao cinema seu caráter universal por seu potencial de estabelecer conexão e diálogo com diferentes povos, por mais distintas que sejam suas experiências, suas culturas e costumes. Uma história narrada no cinema é capaz de mobilizar, sensibilizar, emocionar, incomodar, ainda que retrate uma situação própria e peculiar de uma personagem ou de

um determinado grupo culturalmente distante da realidade desse espectador. Seja no documentário, seja na obra ficcional. Porque o cinema permite criar essa aproximação e essa identificação, por mais improváveis que sejam essas personagens e suas narrativas. O diretor norte-americano Joseph Oxford põe à prova essa capacidade de seu espectador se identificar

## CANAL EXIBE *ME+HER* E *MACAPÁ*, VENCEDORES DO PRÊMIO AQUISIÇÃO SESCTV NO CURTA KINOFORUM 2015



FOTO: DIVULGAÇÃO

e mergulhar numa dessas histórias para serem vistas com o olhar poético. Em seu curta-metragem *Me+Her*, uma animação lançada em 2014, ele traz à tona o drama de Jack, um boneco de papel cartão que vive o luto da perda de sua amada, Jill. Na obra, sem nenhuma fala, permeada apenas pela música, Jack encara a despedida, o cortejo fúnebre e a dor da solidão.

Deixa-se levar pela desesperança, pela falta de perspectiva – e de vontade – de superar sua dor.

Mas é quando está diante de seus pensamentos mais sombrios, disposto a tirar a própria vida, que surge a inspiração que lhe dará fôlego novo; um plano para dar um sentido à sua vida. Jack parte em busca dos restos de sua amada em uma fábrica de reciclagem, para onde são levados os seres de papelão após a morte. O afeto, o luto, a esperança e a atitude pela mudança, fatores que constituem a própria condição humana, são retratados nessa animação que levou sete anos para ser realizada. O filme fez parte da seleção oficial do festival de Sundance em 2014 e ganhou o prêmio Aquisição SescTV no Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo de 2015. Com forte apelo poético, *Me+Her* também trata de questões contemporâneas e urgentes, por abordar a renovação da vida pela perspectiva da reciclagem, do reúso de materiais descartáveis e pela concepção de que, na natureza, tudo se transforma.

**MACAPÁ** Desnudar os processos de criação presentes no cinema é o ponto de partida do curta-metragem *Macapá*, do diretor Marcos Ponts, filme que também recebeu o prêmio Aquisição SescTV, na categoria Diretor Brasileiro Estreante. A produção apropria-se do recurso da metalinguagem, numa mistura de ficção e documentário. Realizado em tomada única, *Macapá* apresenta dois personagens: o próprio diretor do filme e sua tia, França Sampaio. Ponts precisa fazer a tia chorar em cena e, para isso, dá ordens, por trás das câmeras, e a provoca a relembrar acontecimentos tristes, num processo que expõe a crueza dos bastidores do trabalho cinematográfico. O filme é um trecho de um projeto maior do diretor, que deve resultar em um longa-metragem. ●



**MACAPÁ (BRASIL),  
DIA 23, 20H30**

Direção:  
Marcos Ponts.  
Classificação  
indicativa: Livre.



**ME+HER (EUA),  
DIA 23, 20H37**

Direção:  
Joseph Oxford.  
Classificação  
indicativa: Livre.



**Veja o trailer dos  
curtas-metragens:**





FOTO: ED FIGUEIREDO

## Encontros sonoros

Músicos brasileiros e norte-americanos se reúnem no projeto experimental *Ekundayo*, que mistura hip hop, jazz e outras referências africanas

Transformar tristeza em alegria; reverter algo ruim em uma coisa boa. É este o significado de *Ekundayo*, palavra de origem africana que inspirou um grupo de artistas brasileiros e norte-americanos em um projeto de experimentação musical. A proposta de misturar diferentes sonoridades começou ainda em 2002, num encontro entre os brasileiros Rodrigo Brandão, Maurício Takara e Guilherme Granado com o produtor musical americano Scotty Hard. O trabalho foi sendo maturado em outros encontros e ganhando novos colaboradores, que tinham como referência central comum a sonoridade africana. “Para mim, é a ideia do encontro entre diferentes estilos musicais, seja africano, brasileiro, eletrônico, free jazz, hip hop... O significado é somente

a ideia de unir esses sons”, explica Rob Mazurek. O projeto conta com a participação de Naná Vasconcelos, um dos mais importantes percussionistas brasileiros, que morreu no mês passado.

O show *Ekundayo* foi apresentado em 2013, no Sesc Pompeia, gravado, editado e lançado em DVD pelo Selo Sesc e será exibido neste mês, pelo SescTV. O programa também traz entrevistas com os participantes, que revelam a sintonia e a entrega na conceitualização e realização do projeto, ao “misturar estilos diferentes para criar uma música universal, por inteiro, criando um som do amor”, comenta Mazurek que conclui: “Toda vez que você traz para a equação a ideia do amor, o resultado será incrível, independentemente do modo como você enxerga isso”. ●



**EKUNDAYO,**  
DIA 13, 22H

Direção para TV:  
Camila Miranda.  
Classificação:  
10 anos.



## Falando em Down

**DIA 8, 23H.** Programação especial.  
Direção: vários. Classificação: Livre.

Marina é uma menina com Síndrome de Down que vive em Minas Gerais e, como muitas outras adolescentes, sonha em conhecer o mar. Com a proximidade da esperada viagem de formatura da irmã – uma excursão à praia –, Marina buscará recursos e alternativas para embarcar também. Este é o foco do curta-metragem de ficção *Marina não Vai à Praia*, que será exibido neste mês, na programação *Falando em Down*. Dirigido por Cássio Pereira dos Santos, o filme venceu a categoria Ficção – 12 a 15 anos do festival *ComKids Prix Jeunesse Iberoamericano 2015*. Também serão exibidos, na sequência, o curta-metragem *Se Esse Filme Fosse Meu*, direção de Beatriz Craveiro, também premiado nesse festival, na categoria Não Ficção – 12 a 15 anos; o curta-metragem *Um Dia de Sol e Um Dia de Chuva* (Itália, 2014), integrante do projeto Cores do Futebol; e o episódio da série Sala de Cinema com Evaldo Mocarzel, no qual fala sobre o filme *Do Luto à Luta*, que retrata sua experiência com a filha com Síndrome de Down. ●



## Brasil e povos indígenas

**DIA 15, A PARTIR DAS 20H.** Programação especial.  
Direção: Vários. Classificação: confira no site.

Questões como diversidade, diálogo, condições históricas e sociais são abordadas na programação *Brasil e Povos Indígenas*, exibida a partir do dia 15 deste mês. O documentário *Louceiras*, direção de Tatiana Toffoli, exibido às 20h, resgata a tradição de confeccionar utensílios de barro na aldeia Kariri-Xocó, em Alagoas. O filme apresenta os costumes e ritos da etnia que vive às margens do rio São Francisco. Às sextas-feiras, 23h, a partir do dia 15, o canal exibe o ciclo *Índios em Movimento*, com curadoria de Marco Altberg, que traz, em oito episódios, um debate com Ailton Krenak (líder indígena); Betty Mindlin (antropóloga); Felipe Milanez (ambientalista) e Vincent Carelli (cineasta), seguido de um filme sobre o tema. A estreia terá *Rondon, Amor, Ordem e Progresso*, direção de Altberg. No dia 22, às 23h, o documentário *Dasiwa'uburéze - Nossa Cultura*, de Cristina Flória e Wagner Pinto, aborda a identidade Xavante, preservada pelos anciãos da aldeia Xavante Pimentel Barbosa, no Mato Grosso. ●

## IVALDO MOCARZEL. JORNALISTA, DRAMATURGO E CINEASTA.

Diretor fala de sua trajetória e de seu processo de produção

# O cinema como espaço das inquietações

Evaldo Mocarzel estudou cinema na Universidade Federal Fluminense, mas foi se aventurar pelo jornalismo ainda jovem, ao escrever críticas de filmes. A aventura durou e o trouxe a São Paulo, onde se tornou editor do caderno de cultura do jornal O Estado de S. Paulo, o Caderno 2, cargo que ocupou por oito anos, quando decidiu retomar suas grandes paixões: o cinema e, posteriormente, o teatro. Dirigiu documentários como *À Margem da Imagem* e *Do Luto à Luta*, além de importantes registros sobre várias das principais companhias de teatro da cidade de São Paulo. Hoje, diretor e professor de cinema da Universidade Estadual do Paraná, Evaldo também encontra na dramaturgia uma maneira de se expressar.

### Você começou sua carreira no jornalismo, como foi migrar para o cinema?

O jornalismo me formou como uma escola de produção. Mas eu não era feliz. Ele me deu muita coisa, mas sempre quis fazer filmes. Na época do Caderno 2, ganhei um curso do Estadão e fui estudar cinema em Nova Iorque. Como era um curso prático, tinha de fazer algo, mas não sabia o que filmar. Então, um dia, estava na Washington Square e vi um turista japonês tirar uma foto de um morador de rua. Ele acordou o homem que ficou enlouquecido e correu atrás dele; pensei que fosse matá-lo. Para mim, aquela imagem foi muito forte e deu origem ao meu curta *Pictures in the Park*. Quando voltei ao Brasil, pensei que esse tema do roubo da imagem de quem está na exclusão mais absoluta seria bom para um documentário. Pesquisei as ruas de São Paulo e fiz o *À Margem*

*da Imagem*. Filmei durante as férias e as folgas. No início, conseguia conciliar, mas acabei saindo do jornalismo e fui engolido pelos documentários.

### Foi uma mudança mais natural do que radical?

Fazer jornalismo e fazer documentário são coisas diferentes. Por mais que em alguns momentos eles dialoguem, no primeiro, você tem a obrigatoriedade de ouvir todos os lados envolvidos, o que não acontece no segundo. O documentário é um recorte profundo sobre um tema, uma inquietação, sobre alguma coisa que te move. Ele trabalha com a problematização da representação do real, prato cheio para nossa sociedade do espetáculo, que tem obsessão pelo real. Ele traz isso desde sua protogênese. O cinema sempre dialogou sobre essa problematização, desde os irmãos Lumière, até o Neorealismo Italiano, a Nouvelle Vague, o Cinema Novo, o Dogma 95 e o cinema contemporâneo.

### O cinema, seja com documentários ou ficções, pode funcionar como plataforma de ativismo?

Eu não sei se o cinema muda alguma coisa, o que ele faz é semear novos olhares. Ele sensibiliza, levanta questões de forma humanizada. Mas não acho que a arte seja revolucionária. Nem (Bertold) Brecht achava isso. Ele queria mudar a cabeça das pessoas para que elas fizessem a revolução. Porque com a arte você desperta sensibilidades e cria novas possibilidades de atuação. Agora, a arte obviamente vai mimetizar o momento histórico que estamos vivendo. Eu, por exemplo, fiz filmes políticos, como *À Margem do Concreto*, em que >>>



**RAIO-X**  
**EVALDO**  
**MOCARZEL,**  
**RIO DE JANEIRO**

**Formação**  
Cinema

**Alguns trabalhos:**

- À Margem da Imagem (2003)
- Do Luto à Luta (2005)
- BR 3 (2008)
- Cinema de Guerrilha (2010)
- Hysteria (2012)



**“A arte em si não muda nada, o que muda são as pessoas.”**



**“O documentário é a cultura do outro que não é você e que nunca vai caber num filme, problematizando a situação do real no cinema.”**

**“O mundo contemporâneo vive sobre a marca da hibridização de linguagens, e eu procuro criar um diálogo entre as elas, sem que uma seja subserviente a outra.”**

»»

utilizei imagens da própria mídia, que demoniza as lideranças do movimento sem-teto, e criei um bloco de reflexividade para que os sem-teto se defendessem dessa demonização. Isso é uma estratégia política. A arte em si não muda nada, o que muda são as pessoas.

### **Mas você acredita que os documentários tenham um papel social?**

Acredito que o documentário seja mais uma questão de foro íntimo, porque ele nasce da gente, de uma inquietação, de uma vontade de conhecer o mundo. Durante a produção dos meus filmes, aprendi muito sobre população de rua, sobre sem-teto, sobre catadores etc. Mas, como disse, trata-se de uma sementeira de ideias. Talvez esse seja o papel social do audiovisual, não o de mudar, mas o de formar opiniões. O documentário age como um espaço de resistência, para uma informação que não é informação-mercadoria da mídia. Jean-Louis Comolli, teórico francês do qual gosto muito, escreve sobre o cinema em seu livro *Ver e Poder*. Ele defende a linguagem do documentário e a ideia de que ele é capaz de produzir fraturas na roteirização publicitária da mídia, criando brechas para trazer o real.

### **Como escolher temas e personagens para um documentário?**

Não há uma receita, porque você lida com acasos e predestinações, como no meu caso. Para mim, o documentário é uma obra deliberadamente construída com uma janela aberta para o inesperado. E, nesse processo, há a questão da alteridade. Eu não sou morador de rua, não sou

parteira, não sou sem-terra – personagens dos meus filmes. É necessário também um exercício permanente de distanciamento, mesmo quando você está fazendo um filme performático ou pessoal, pois, quando você se coloca no filme, já não é mais você mesmo. Você cria ali um personagem. O documentário é a cultura do outro que não é você e que nunca vai caber num filme, problematizando a situação do real no cinema.

### **O documentário *Do Luto à Luta* surgiu de uma inquietação pessoal?**

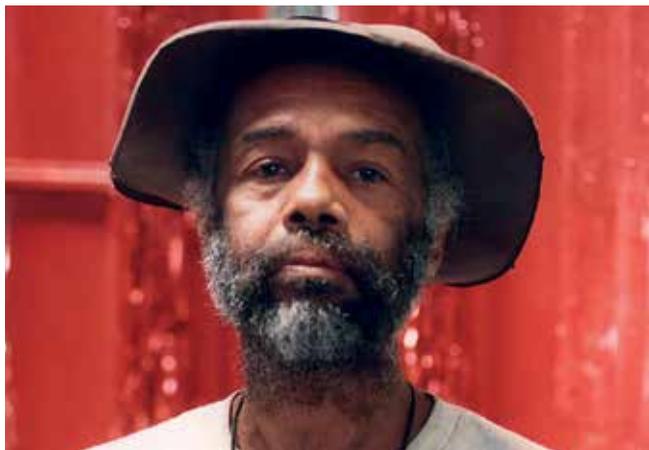
Ele surgiu de uma necessidade. Fiz o documentário que eu gostaria de ter assistido na maternidade. Quando você vai para a maternidade, vai imbuído de todos os seus ideais de perfeição, mas chega lá e descobre que seu filho tem um tipo de má-formação genética. Eu quase enlouqueci. Joana nasceu com Síndrome de Down e com uma cardiopatia muito grave. Aos quatro meses, ela teve que ir para o centro cirúrgico reconstruir o coração. Foi difícil. Eu estava passando por um processo de rejeição. A cirurgia foi boa porque percebi que eu queria que ela sobrevivesse. Essa experiência foi o exorcismo da rejeição. Então, quis fazer um filme sobre isso, que fosse de utilidade pública, e tivesse como público-alvo os pais fragilizados, vulneráveis nas suas feridas narcísicas ao receberem uma notícia que ninguém quer. Queria levar informação de forma humanizada e construí uma narrativa que aborda um ciclo de vida: do bebê, da criança e do adolescente, ao casal e ao idoso com Down.

### **O cinema tem caráter de utilidade pública?**

O poder do discurso audiovisual não pertence



## MOCARZEL EM TRÊS MOMENTOS



■ *À Margem da Imagem* (2003)



■ *Do Luto à Luta* (2005)

FOTOS: DIVULGAÇÃO



■ *BR 3* (2008)

mais ao cineasta. Hoje, todo mundo se filma. Eu passei num bar esses dias e vi as pessoas discutindo o enquadramento de uma *selfie*. As pessoas se apropriaram do audiovisual: elas se filmam, colorizam suas fotos com diferentes aplicativos, postam no *Youtube*. Hoje, o digital é uma revolução de costumes. O cineasta tem que dialogar com essa nova concepção do real e o cinema tem que debater isso, afinal, o audiovisual é um instrumento didático, político.

### Como você vê a produção audiovisual na era digital?

Eu sou cria da democratização do digital. O digital foi uma revolução no cinema, na estética, no cotidiano. Com ele, você tem a oportunidade de filmar bem e barato, consegue produzir muita coisa com qualidade e disponibilizar diretamente na internet. Ele é um oráculo contemporâneo em todos os níveis, para o bem e para o mal. Ele trouxe a possibilidade de minorias ou jovens das periferias produzirem uma autoetnografia. Ao contrário do cinema – uma arte cara, que sempre foi feita por realizadores de classe média e alta – o digital possibilita novos criadores, e os documentaristas têm de saber lidar com isso, eles têm de interagir com o momento histórico.

### Nos últimos anos você passou a trabalhar com teatro. O que o levou a mergulhar nas artes cênicas?

O que me motivou foi minha vontade de aprender como dramaturgo e minha paixão pelo teatro. Cada vez mais, experimento a ficção nos documentários. No fundo, sou um ficcionista. Então, para desenvolver minha dramaturgia, fui atrás de algumas companhias, como Vertigem, Os Satyros, Grupo XIX. Sonho com a ampliação do espaço do teatro na televisão e no cinema. Fiz vários documentários processuais. Neles, acompanho todas as etapas de uma montagem, até um pouco depois da estreia, depois desconstruo todo o espetáculo a partir do processo. Esses filmes mais cênicos são difíceis de emplacar no circuito comercial. O mundo contemporâneo vive sobre a marca da hibridização de linguagens, e eu procuro criar um diálogo entre elas, sem que uma seja subserviente a outra. ●

# Cinema e Educação: um namoro difícil, mas possível

Cláudia Mogadouro é doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

por Cláudia Mogadouro foto Hamed Masoumi

Todos nós conhecemos casais que se sentem muito atraídos, mas vivem brigando. Separam, voltam, brigam, reatam. Nesses casos, os dois lados se desejam, mas há muitas diferenças, muitos descompassos. Eu gosto de pensar no Cinema e na Educação como instâncias educativas que se atraem, mas são de naturezas diferentes, por isso vivem aos tapas e beijos. Se não olharmos para esses descompassos e tensões, essa relação amorosa, que pode ser muito interessante e criativa, continuará complicada.

Para começar, há muita diferença de idade. Quando o Cinema surgiu, no finalzinho do Século XIX, a Educação já existia há muito tempo, já bem consolidada como campo de estudo. O Cinema encantou o mundo inteiro como uma absoluta novidade, traduzindo os sonhos humanos em imagens apaixonantes. O Cinema chegava às pessoas pelo caminho da emoção, enquanto a Educação defendia o pensamento científico, o racionalismo, o positivismo. A Educação tradicional, baseada na cultura letrada e no discurso unidirecional (o professor transmite as informações e o aluno aprende), naturalmente desconfiou daquela novidade que ela não sabia definir.

Ainda assim, era preciso reconhecer o seu potencial educativo.

O Cinema, matriz de toda a nossa cultura audiovisual, transmite valores, padrões e normas de comportamento. Aí, alguém vai dizer: “Mas nem todo cinema é educativo. Há filmes que não difundem bons valores, que trazem pornografia, violência, isso não é educativo.” Mas uma experiência cultural é educativa porque é transformadora, independente de se concordar com os valores que estão sendo transmitidos. Até porque os valores variam de acordo com cada cultura, tempo e lugar.

Podemos pensar, por exemplo, que a animação *Branca de Neve*, da Disney, lançada em 1935, “educava” as meninas para serem ótimas donas de casa; elas aprendiam a limpar a casa, a fazer tortas de maçã e seriam “salvas” por um lindo príncipe. Esses valores hoje possivelmente não se coadunam com as expectativas das nossas meninas (e, espero, nem dos meninos), mas fez sucesso na época. Como negar, por exemplo, que o “cinema” ensinou muita gente a fumar? Muitas fumantes contam que o hábito surgiu inspirados no charme de

Humphrey Bogart ou Bette Davis. Hoje não é politicamente correto heróis ou heroínas fumarem. Outro exemplo que mostra a função educativa do cinema: na animação futurista *Wall-E* (Disney/Pixar, 2008), o protagonista é um robôzinho programado para reciclar o lixo do planeta Terra. Ele se diverte com os “restos” da herança cultural deixada pelos humanos. Entre os brinquedos herdados, o seu predileto é uma fita de videocassete, com um musical dos anos 1950. Assistindo ao filme, ele tenta “aprender” a dançar e a conquistar seu amor. Todos sabemos o quanto o cinema é formador de sentimentos e comportamentos e que nossa visão de mundo está, individual e socialmente, permeada pela experiência do cinema.

E é justamente esse envolvimento e emoção provocados pelo Cinema que deixam até hoje os educadores de orelha em pé com os filmes, atribuindo a estes uma enorme responsabilidade de boas ou más influências.

Ambas as instâncias, Cinema e Educação, trazem consigo ambiguidades, tensões, dicotomias. A escola tem, mais do que qualquer instituição, a missão de preservar e difundir o conhecimento acumulado pela humanidade. Quem, além da escola, tem a responsabilidade mais evidente de desenvolver o pensamento científico, ensinar as histórias dos nossos antepassados, desenvolver as linguagens, conservar a cultura? Por outro lado, o conhecimento produzido e difundido tem que estar em sintonia com a sociedade contemporânea. Então, vemos que a educação formal tem uma natureza conservadora, mas é chamada o tempo todo para a transformação.

O Cinema, por sua vez, surgiu como diversão, como resultado do desenvolvimento técnico, voltado para o entretenimento. Aos poucos, a novidade foi se transformando em narrativa e constituindo uma linguagem artística. Mas essa passagem não foi compreendida rapidamente. Somente uns 20 anos depois

do seu surgimento é que o Cinema começou a ser chamado de Sétima Arte, ganhando aos poucos o status de cultura. A consolidação da indústria do cinema foi o primeiro fenômeno cultural que se pode chamar verdadeiramente de “cultura de massa”, pois atinge milhões de pessoas no mundo. Como produto desta indústria cultural ele traz também uma dicotomia: é arte e negócio, ao mesmo tempo.

Do ponto de vista da arte, o Cinema atua na sensibilidade do espectador, expressa os sonhos e as subjetividades, não pode ter seus resultados previstos de antemão, é fruto do trabalho de inúmeros artistas (roteiristas, atores e atrizes, figurinistas, cenógrafos, iluminadores, entre tantos outros). Do ponto de vista do negócio, tem que atender às necessidades do mercado, é obrigado a racionalizar sua produção, pois tem o lucro como parâmetro. Na perspectiva mercadológica, é fundamental que o filme se comunique com o público, o que implica em se transformar e se adequar aos anseios dos espectadores, especialmente os mais jovens.

Voltando à nossa brincadeira do namoro: a Educação é o lado ciumento, que tenta controlar e “didatizar” o filme para que ele caiba na grade curricular. E o Cinema, por sua natureza, é ousado, transgressor, e busca sempre as novidades. Para que esse namoro dê certo é preciso que cada um dos lados aceite as contradições e ambiguidades do outro. A Escola não pode abandonar sua essência de conservar a cultura acumulada, mas pode considerar toda a herança cultural trazida pelo Cinema, sem precisar atender às razões mercadológicas, cuja tendência é investir apenas no entretenimento. A arte é fundamental na escola, para a educação do sensível e humanização da sociedade. Os educadores precisam aceitar o Cinema com toda sua rebeldia e transgressão, aproveitando-o como instrumento de transformação tão necessário à escola que desejamos. ●



## dia 9, 21h

**PRAÇA ROOSEVELT.** Direção: Paulo Markun e Sergio Roizenblit. Classificação: Livre.

Após processo de reforma e requalificação, a praça Roosevelt é hoje um ponto de convivência de diferentes grupos, em São Paulo, como mostra episódio da série *Arquiteturas*. O escritor e morador da região Ignácio de Loyola Brandão relembra a feira que acontecia aos sábados na praça. O dramaturgo Ivam Cabral, d'Os Satyros, aponta a importância das companhias de teatro para a sua revitalização. "Em 2006 os Parlapatões chegaram, e nunca mais a Praça Roosevelt foi a mesma."

## dia 18, 16h

### LITERATURA INFANTIL NÃO TÃO INFANTIL ASSIM

Direção: José Roberto Torero.  
Classificação: Livre.

O escritor João Carlos Marinho, autor dos livros *O gênio do Crime* e *Berenice Detetive*, comenta a literatura infanto-juvenil e seus desafios em episódio da série *Super Libris*. Para ele, o gênero é caracterizado pelas experiências da vida, e vai do início da infância até os 12 anos de idade. O episódio vai ao ar em comemoração ao Dia Nacional do Livro Infantil, data escolhida para homenagear o aniversário do também escritor infanto-juvenil Monteiro Lobato.

## dia 19, 20h

### MOVIMENTO VIOLÃO - JORGE CABALLERO

Direção: Flávio N. Rodrigues.  
Classificação: Livre.

O violonista peruano Jorge Caballero apresenta sua técnica transcendental em show gravado no Sesc Bom Retiro, em julho de 2015 para o programa *Movimento Violão*. Gratificado com o Prêmio Internacional de Naumburg, seu repertório é considerado por muitos violonistas "quase impossível" de ser executado, como comenta o curador do programa, Paulo Martelli.





**dia 10,  
21h30**

### **LAMBER VISION**

Direção: Max Alvim.

Classificação: Livre.

O quarteto apresenta repertório autoral que mescla ritmos do *krautrock* alemão com influências da música turca no *Instrumental Sesc Brasil* deste mês, gravado em julho do ano passado, no Sesc Consolação. A banda é composta pelo baterista Samuel Fraga, os guitarristas Dustan Gallas e Fernando Catatatu, e pelo baixista Zé Nigro, que apresentam as músicas *Theme One*, *Deep Into it*, *Mellow Space*, entre outras.

**dia 28, 22h**

### **A ÉTICA DOS ANJOS E DAS ROUPAS**

Direção: Kiko Goifman. Classificação: Livre. O esoterismo e o esteticismo são colocados lado a lado para mostrar questões de seus cotidianos neste episódio de *Estilhaços*. Para a taróloga Vânia Paula Vicente, “qualquer tentativa de querer agir no livre arbítrio do outro e não respeitar sua opinião é tentativa de magia negra”.



FOTO: DIVULGAÇÃO

# Sesc 70 anos

**SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**  
Administração Regional no Estado de São Paulo

**PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL**  
Abram Szajman

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**  
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social.

Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

**COORDENAÇÃO GERAL**

Ivan Giannini

**SUPERVISÃO GRÁFICA**

Hélcio Magalhães

**REDAÇÃO**

Adriana Reis e João Cotrim

**EDITORIAÇÃO**

Thais Mendes

**REVISÃO**

Marcelo Almada

**PROJETO GRÁFICO**

Marcio Freitas e Renato Essfelder

**REVISTA DIGITAL**

Ana Paula Fray, Larissa Carvalho e Marilu Vecchio

## Sesc tv

**DIREÇÃO EXECUTIVA**

Valter Vicente Sales Filho

**DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO**

Regina Gambini

**COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO**

Juliano de Souza

**COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO**

Carlos Padilha

**COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO**

Adriana Reis

**DIVULGAÇÃO**

Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

**ESTAGIÁRIA**

Carolina Pulice

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site [sescvtv.org.br/aovivo](http://sescvtv.org.br/aovivo)

Acompanhe o SescTV: [sescvtv.org.br](http://sescvtv.org.br)



/sescvtv



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: [atendimento@sescvtv.sescsp.org.br](mailto:atendimento@sescvtv.sescsp.org.br)

Leia as edições anteriores em: [sescvtv.org.br](http://sescvtv.org.br)

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



musical

# Cida Moreira

O Brasil que Eu Vejo

27/04 | quarta | 22h



Foto: Jose de Holanda

Assista online:

[sesctv.org.br/aovivo](https://sesctv.org.br/aovivo)



/SESCTV